



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

DISSOCIATION:
ENSAIO FÍLMICO SOBRE UM RELACIONAMENTO À DISTÂNCIA

Viviane Humpheys Fernandes Miranda

Rio de Janeiro/ UFRJ

2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**DISSOCIATION:
ENSAIO FÍLMICO SOBRE UM RELACIONAMENTO À DISTÂNCIA**

Viviane Humpheys Fernandes Miranda

Curta-metragem de graduação apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Orientadora: Prof. Dr^a Consuelo da Luz Lins

Rio de Janeiro/ UFRJ

2016

**DISSOCIATION:
ENSAIO FÍLMICO SOBRE UM RELACIONAMENTO À DISTÂNCIA**

Viviane Humpheys Fernandes Miranda

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Aprovado por

Prof. Dr^a Consuelo da Luz Lins – orientadora
Escola de Comunicação da UFRJ

Prof. Dr^a Maria Teresa Ferreira Bastos
Escola de Comunicação da UFRJ

Prof. Dr. Fernando Souza Gerheim
Escola de Comunicação da UFRJ

Aprovada em:

Grau:

Rio de Janeiro/UFRJ
2016

MIRANDA, Viviane Humpheys Fernandes.

Dissociation: Ensaio fílmico sobre um relacionamento à distância/ Viviane Humpheys Fernandes Miranda – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2016.

42 f.

Curta-metragem (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro,

Escola de Comunicação, 2016.

Orientação: Consuelo da Luz Lins

1. Filme-ensaio. 2. Documentário. 3. Relacionamento à distância. I. LINS, Consuelo da Luz (orientadora) II. ECO/UFRJ III. Radialismo IV. Dissociation

A todos aqueles que já viveram amores (quase) impossíveis.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que esteve comigo mesmo quando duvidei d'Ele.

Aos meus pais, Neide e Antonio, que me deram os recursos materiais e afetivos para eu trilhar meu caminho e chegar até aqui.

À minha irmã gêmea, Beatriz, que compartilhou comigo as piadas mais idiotas e as brigas mais vorazes.

À família Fernandes e à família Miranda. Em especial, à Rosana, que me convidou a me reaproximar de Deus e me fez ver que o amor do Espírito Santo é enorme.

À minha melhor amiga Maíra, que conhece há 12 anos.

Ao meu amigo “coroa”, Walter.

Aos meus amigos da ECO, em especial: Larissa, Gil, Godot, Natália, Luiz Rates; que deixaram os trabalhos em grupo muito mais divertidos

Às minhas amigas do CAp UFRJ.

Às minhas amigas “emprestadas” do CP2: Mirza e Mariana.

Aos meus amigos da Martins Pena.

À minha orientadora Consuelo Lins, que me deu suporte mesmo depois de eu ter trocado de tema umas cinco vezes.

Aos professores que tive o prazer de conhecer na ECO e me auxiliaram nessa missão: Fernando Fragozo, Kátia Augusta e Teresa Bastos.

Ao Ellis Rua. Without you, this movie woud not have existed.

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida; que a arte seja algo especializado ou feita por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte? Por que deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida?

Michel Foucault

MIRANDA, Viviane Humpheys Fernandes. **Dissociation**: Ensaio fílmico sobre um relacionamento à distância. Orientadora: Consuelo da Luz Lins. Rio de Janeiro, 2016. Relatório de produção de curta-metragem (Graduação em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 42 f.

RESUMO

“Dissociation” é um filme-ensaio sobre um relacionamento à distância, que se dividiu entre as cidades de Miami, nos Estados Unidos e do Rio de Janeiro, no Brasil. Com uma abordagem autobiográfica e subjetiva, a obra se utiliza de imagens pré-existentes do arquivo pessoal da diretora, trocadas entre ela e o então namorado, ao longo do relacionamento. Por meio da experimentação da estética ensaística, o projeto visa fomentar a produção audiovisual contemporânea e estimular a discussão acerca das novas linguagens fílmicas. Em oposição à montagem tradicional clássica, a história do filme não segue uma sequência lógica, de causa-efeito, mas propõe ao espectador criar suas próprias interpretações a partir das imagens, dos sons e dos comentários narrados pela protagonista.

Palavras chave: Filme-ensaio; montagem; relacionamento à distância

ABSTRACT

“Dissociation” is a film-essay about a long distance relationship, which took place in the cities of Miami, in the United States and Rio de Janeiro, in Brazil. Using an autobiographical and subjective approach, the movie takes pre-existing images of the director’s personal archive that were exchanged between her and boyfriend - at that time - over the relationship. Through film-essay aesthetic, the project aims to promote the contemporary audiovisual production and to stimulate the discussion involving new filmic languages. In opposition to traditional montage, the story of the movie doesn’t follow a logical sequence of cause and effect, but invites the viewers to create their own interpretation of the images and sounds.

Keywords: Film-essay; montage, long distance relationship

SUMÁRIO

1. Introdução	1
1.1 Como cheguei à idéia.....	3
1.2 Objetivo.....	4
1.3 Justificativa.....	5
1.4 Escolha do tema e processo de pesquisa.....	6
1.5 Concepção da Obra.....	8
2. Pré-produção	
2.1 Público Alvo.....	11
2.2 Infra-estrutura.....	11
2.3 Orçamento e fontes de financiamento.....	12
2.4 A (não) criação de um roteiro ou a montagem como roteiro.....	12
3. Planejamento e produção	13
4. Pós-produção	14
4.1 Efeitos de som e trilha sonora.....	15
4.2 Finalização.....	15
4.3 Distribuição e exibição.....	16
5. Considerações finais	16
Referências	18
Anexo 1	20
Anexo 2	25
Anexo 3	31

1 Introdução

As vanguardas modernistas inovaram a forma de pensar e criar objetos artísticos, romperam com tradições, até então indissolúveis, que a arte clássica sustentava. Movimentos como o Dadaísmo, a partir do final dos anos 10, e Surrealismo, nos anos 20 do século passado, foram fundamentais para o estabelecimento de novas práticas artísticas, novas formas de produção e, algumas décadas mais tarde, influenciaram fortemente movimentos diversos da arte contemporânea. O famoso mictório de Marcel Duchamp (1917), por exemplo, gerou diversas polêmicas e controvérsias, provocando contestações direcionadas ao objeto artístico e ao poder das instituições de decretar o que é ou não arte. Intensificando um movimento iniciado no final do século XIX, esse estranho artefato artístico deslocaria a arte do campo exclusivo da beleza e contemplação, tornando-a lugar de crítica, estranhamento, provocação. Algumas mudanças foram decisivas para a construção de novas formas de arte e desconstrução da arte dominante até então. Os pilares que antes a sustentavam, como a linearidade narrativa, a estética renascentista, a harmonia, o elitismo, a representação pura e visível foram rompidos.

Novas modalidades de expressão que constituem o que chamamos de arte contemporânea devem muito aos debates e discussões feitos acerca do objeto artístico desde os anos 10 do século XX. O que pode ser objeto artístico? Para a arte contemporânea, tudo – ou quase tudo. No campo das artes audiovisuais não foi diferente, especialmente a partir dos anos 60, com a emergência do documentário subjetivo e ensaístico, no cinema singular da francesa Agnes Varda. A partir dos anos 80, essa vertente do cinema documental se desenvolveu, se intensificou e tem sido particularmente praticada por cineastas mulheres, no Brasil e em diversos países da Europa, Ásia, América do Norte.

Em seu artigo “Investigando o sujeito: uma introdução”, o autor Michael Renov fala sobre a subjetividade no cinema e sua emergência nos anos 60 através da produção documental subjetiva. Renov comenta sobre como o campo da subjetividade deixou de ser exclusivamente íntimo e passou a se tornar também político, lugar de luta, contradições e instabilidade. Da mesma forma, a noção de sujeito foi problematizada. Se antes o Sujeito e o Mundo estavam em oposição; agora essas duas entidades se constituem de forma mútua.

O documentário subjetivo contribuiu para que o documentário clássico perdesse sua carga de racionalidade, objetividade e seu caráter de verdade absoluta. Ainda sobre produção documental subjetiva, o autor fala de um “impulso documentário com auto-interrogação”. Ou seja, existe algo de documental na obra, mas sem a pretensão de que aquilo que é

documentado seja a Verdade. Paira o sentimento de dúvida e indagação, uma vez que nada é absoluto. A responsabilidade do artista criador do filme está em transformar sua subjetividade em performance, e não em relatar um fato.

A internet e o uso das redes sociais alteraram a noção de autobiografia, especialmente no início do século XXI. Falar de si já não é apenas uma necessidade, se tornou quase uma obrigação. A prática das fotografias “selfie” representa bem essa cultura da exposição. Entretanto, “falar de si” nem sempre quer dizer simplesmente narcisismo e vaidade. A subjetividade também é efeito, potência de comunicação.

No campo das artes performáticas, duas artistas mostraram bem isso. A francesa Sophie Calle, com a obra “Cuide de você” (2007) e a sérvia Marina Abramovic com “Os amantes: A caminhada da Grande Muralha” (1989) tiveram como motivação para seu trabalho o término de um relacionamento. Cada uma à sua maneira buscou na arte uma forma de expressar seu universo interior, transformando seu Eu em performance. Ao transformar o particular em universal, as artistas despertam interesse especial no público, uma vez que elas estão contando a sua história, e não a História.

Em seu artigo intitulado “Arte Contemporânea, inquietudes e formação estética para a docência”, Luciana Loponte pondera:

A arte contemporânea traça novos mapas estéticos e desconcerta as nossas provisórias certezas sobre o que é ou pode ser considerado arte. Se nossas principais referências a respeito de artes visuais ou Arte (assim mesmo, em maiúsculas), ainda cabem apenas em grossos volumes de uma “História Universal da Arte” ou em representações preocupadas tão somente em mimetizar o real, contornadas por pesadas e douradas molduras, não há como não estranhar ou passar incólume diante das inusitadas manifestações artísticas contemporâneas.¹

Está certo que a autora faz um comentário acerca das artes visuais, entretanto, ele é passível de aplicação em qualquer arte, inclusive no cinema. Ainda há forte resistência e estranheza por parte do público quando se fala em experimentação dentro da linguagem

¹ LOPONTE, Luciana. “Arte Contemporânea, inquietudes e formação estética para a docência” Publicado em: Educação e Filosofia Uberlândia, v. 28, n. 56, p. 643-658, jul./dez. 2014. ISSN 0102-6801. Disponível em <http://www.ufrgs.br/artevera/wordpress/?p=81>. Acesso em 5 de julho de 2016

cinematográfica. Inegavelmente, o processo de aceitação desse tipo de cinema não é automático, é preciso reaprender a olhar, com olhos novos ou menos “viciados”.

Com isso dito, “Dissociation” busca apresentar uma história através de um filme-ensaio, em que o mais importante não é a história que eu conto, mas sim como ela é contada.

1.1 Como cheguei à idéia

Inicialmente, meu trabalho de conclusão de curso seria uma monografia. A primeira idéia de tema era pesquisar o método de entrevista do documentarista Eduardo Coutinho e relacioná-lo com a linguagem da psicanálise. Algumas semanas depois, recebi o convite de passar três meses nos Estados Unidos para visitar meu namorado. Decidi que escreveria a monografia de lá e voltaria ao Rio de Janeiro para a semana da defesa em julho. Sendo assim, resolvi adaptar o tema da minha pesquisa para algo mais simples, já que estava em um ambiente acadêmico estrangeiro. O novo tema era: A fronteira entre os gêneros de ficção e documentário. A partir daí, pensei em analisar obras dos diretores Abbas Kiarostami, Petra Costa, Eduardo Coutinho e Mitchell Block. Entre elas, uma obra em especial havia me chamado a atenção: O curta-metragem “No lies” (1973), do diretor americano Mitchel Block. Trata-se de um filme de ficção que simula a estética documental para narrar o depoimento de uma moça vítima de estupro. A produção em si me interessou pela forma como insere recursos de documentário dentro de uma obra ficcional, com personagens e fatos inventados, mas que foram filmados de modo a fazer com que o espectador tome-os como reais.

Mais tarde, mudei de idéia novamente. Considerei que seria mais estimulante realizar uma pesquisa prática, ao invés de teórica. A proposta era criar e dirigir um curta-metragem de ficção que simulasse um documentário, assim como em “No lies”. Escrevi um roteiro em inglês², que seria produzido na Universidade de Miami – onde meu então namorado trabalhava, o que possibilitou meu acesso ao acervo da biblioteca. Eu também teria acesso aos equipamentos da universidade e poderia convidar os alunos da ‘Film School’ para trabalharem como voluntários da minha equipe.

Contudo, uma semana após ter estabelecido a nova idéia de projeto, precisei voltar para o Rio de Janeiro. Nós havíamos rompido o namoro. Chegando ao Rio, mudei o projeto,

² Ver anexo 1

mais uma vez - já que a idéia do roteiro em inglês não se aplicaria aqui. Abalada com o término recente do relacionamento, me vi empacada no processo, distraída e não sabia em que idéia poderia investir sem me desanimar ao longo do processo.

Finalmente, pensei que seria viável e conveniente naquele momento fazer um filme subjetivo e autobiográfico. Decidi criar uma história do relacionamento através do uso de material de arquivo pré-existente – fotos, vídeos e áudios de conversas trocadas ao longo do namoro.

“Dissociation” narra a história do meu relacionamento (que se manteve à distância durante boa parte do tempo, eu no Brasil e ele, nos Estados Unidos), através de registros do meu arquivo pessoal. As memórias construídas pelos dois são compartilhadas no filme, acompanhadas por intervenções sonoras de narração em off com minha voz e de áudios de conversas gravadas.

1.2 Objetivo

Apesar de se configurar como um filme pessoal e subjetivo, o projeto tem como objetivo representar um “ponto de vista documentado”³ - expressão utilizada pelo cineasta francês Jean Vigo - sobre o início, meio e fim de um relacionamento à distância. Essa modalidade de relacionamento tem se tornado cada vez mais comum entre diversas faixa etárias, gêneros e classes sociais. Devido às facilidades oferecidas pela internet, aplicativos, sites e softwares, os quilômetros que separam os amantes são facilmente “encurtados”. Contudo, a distância não é eliminada, apenas atenuada, o que muitas vezes não é suficiente para manter a relação.

Em termos de produção, gostaria de apresentar o filme em festivais de cinema nacionais e internacionais, de categoria universitária e/ou profissional. Acredito que toda produção artística só se realiza, de fato, quando exposta ao público. Se não for compartilhada, não tem nenhum potencial de transformação, se perde em seu propósito. Ainda assim, não tenho certezas sobre o futuro do projeto. Por tratar de um tema íntimo, que envolve outra pessoa, dependo da autorização dela para que eu possa exibir o filme. Sem esse consenso, corro o risco de expor alguém que não está em concordância com tal decisão. Por essa mesma

³ Expressão que serviu de mote para o crítico André Bazin se referir ao filme “Cartas de Sibéria” de Chris Marker, no texto “Lettre de Sibérie, un style nouveau: L'Essai documenté” (France Observateur, 1958). MAGALHÃES, 2010, p. 5. Disponível em <http://www.v-magal.com/web/wp-content/uploads/2012/12/Comunicac%CC%A7a%CC%83oAvanca2010.pdf>. Acesso em 5 de julho 2016.

condição, nesse momento, o objetivo primário é a realização do filme como projeto de graduação de curso.

Se, futuramente, eu tiver essa espécie de “permissão”, pretendo exibir em outros lugares fora do ambiente acadêmico. Para isso, precisarei fazer algumas alterações na edição do filme a fim de preservar a identidade do meu ex-namorado. Penso também em incluir legendas nos áudios das conversas – que são em língua inglesa – para que fique acessível a todas as pessoas.

1.3 Justificativa

À despeito do uso da narração over na tradição do documentário clássico, documentaristas contemporâneos vêm experimentando uma nova forma de utilizar a voz dentro do filme, através da narração pessoal em off, em primeira pessoa. Diferentemente do narrador extradiegético, que de tudo sabe e de tudo vê, a locução subjetiva coloca o filme em outro lugar – o da reflexão, da contemplação, do devaneio. Ela permite criar lacunas, espaços vazios para que o próprio espectador possa atribuir seus significados àquele momento do filme. Não há necessidade de que tudo seja descrito ou explicado, pois não se trata de um documentário convencional. Distante da imparcialidade, neutralidade ou qualquer tipo de precisão objetiva, o que se vê nessa produção audiovisual subjetiva pode ser, mas pode não ser também.

O projeto busca contribuir para a produção audiovisual contemporânea, que tem como mote a experimentação de linguagens e estéticas que fogem do nicho mais comercial. Como estudante de audiovisual, considero importante esse tipo de experimentação, em que existe o risco da subjetividade e da exposição do artista criador em sua própria obra.

O “falar de si” na arte tem sido uma questão recorrente na contemporaneidade. Alguns exemplos que me inspiraram são o trabalho da performer sérvia Marina Abramovic e da artista francesa Sophie Calle. Duas mulheres, cada uma ao seu modo, que souberam transformar o término de uma relação em objeto artístico. No ano de 1989, Marina realizou um de seus mais intensos – e polêmicos – trabalhos. Intitulada “Os amantes – A caminhada da Grande Muralha”, a performance selava o fim do relacionamento da artista com seu até então parceiro, Ulay. Cada um partiu de uma extremidade da Muralha da China, em que caminharam sozinhos por meses, até finalmente se encontrarem na metade do caminho, onde se cruzariam e seguiriam o trajeto novamente a sós.

Sophie Calle, em sua obra “Cuide de você” (2007), também escolheu reagir de forma criativa frente à carta de término enviada por e-mail pelo namorado. Nas palavras da artista:

Recebi uma carta de rompimento.
 E não soube respondê-la.
 Era como se ela não me fosse destinada.
 Ela terminava com as seguintes palavras: “Cuide de você”.
 Levei essa recomendação ao pé da letra.
 Convidei 107 mulheres, escolhidas de acordo com a profissão, para interpretar a carta.
 Analisá-la, comentá-la, dançá-la, cantá-la. Esgotá-la. Entendê-la em meu lugar. Responder por mim.
 Era uma maneira de ganhar tempo antes de romper.
 Uma maneira de cuidar de mim.⁴

Sophie Calle

Apesar da coragem e do desprendimento necessários para expor algo da esfera íntima e privada ao público, as obras por elas realizadas servem também como forma de elaborar seu próprio luto e conviver com o fim inevitável das relações humanas. A expressão artística como exorcismo das mágoas e ressentimentos. Ainda pairam dúvidas sobre a legitimidade da vida privada como objeto de obra de arte. Entretanto, é inegável a força e identificação que essas histórias podem despertar no público.

Da mesma forma, meu projeto se apresenta como resposta criativa a um fim, um modo que encontrei de lidar com a frustração e falta de sentido que existe quando nos deparamos com o fim das coisas. Um filme-resposta a um término sem resposta. Uma espécie de filme-carta que, antes de ser dirigido ao público, dirige-se a mim mesma.

1.4 Escolha do tema e o processo de pesquisa

Como mencionado anteriormente, a escolha do tema foi circunstancial, ou seja, a definição do projeto foi motivada pelo momento emocional em que me encontrava. O

⁴ Disponível em <http://videobrasil.org.br/sophiecalle>

processo de escolha foi bem difícil para mim, tendo em vista que mudei de idéia mais de uma vez. Tive insegurança em relação à minha escolha final, mas pensei que seria mais autêntico e honesto falar sobre algo que se passava na minha vida no momento. Qualquer outro assunto, não me despertava tanto interesse ou eu teria que investir um enorme esforço para começar a pesquisar determinado tema.

Após a definição do filme e do tema, escrevi um novo roteiro⁵ – uma espécie de ensaio catártico. A proposta era gravar tudo o que estava escrito naquele texto. Porém, após consultar minha orientadora Consuelo Lins, percebi que o texto estava excessivamente descritivo e informativo, e que aquilo não estava permitindo criar as lacunas para que o espectador refletisse, respirasse.

Durante alguns dias, fiquei sem saber como prosseguir. Mais de uma semana se passou sem que eu tivesse o menor progresso. Até que, com a ajuda da minha amiga, Larissa Armstrong, experiente em edição de vídeo, comecei a visualizar narrativas a partir das imagens que eu já dispunha. Acabei abandonando momentaneamente o roteiro para, finalmente, começar a me arriscar na montagem, ainda sem recorrer aos artifícios de voz off.

O processo de montagem foi se desenvolvendo bem, sem maiores dificuldades, percebi que as imagens falavam por si e dialogavam entre si. As minhas imagens com as imagens dele já criavam uma história do relacionamento, não a única.

Depois de quase meia hora de material montado, me dei conta que os comentários em voz off não precisariam ser descartados. Ao contrário, poderiam ser muito úteis e até interessantes para algumas fotografias ou vídeos. Com o próprio gravador do celular, comecei a fazer alguns comentários espontaneamente, sem roteiro. O resultado acabou sendo mais interessante que a idéia original (ler o roteiro). O recurso também foi pensado como estratégia para explicar alguns momentos da conversa gravada entre nós dois. Devido à diferença do idioma e à qualidade do áudio, o som muitas vezes ficou incompreensível, o que justifica a escolha pela voz off também aí.

Uma dificuldade enfrentada ao longo do processo foi o diálogo com meu ex-namorado para negociar as imagens que poderiam ou não ser utilizadas no filme. Como o rompimento do namoro foi relativamente próximo ao período em que comecei a produzir o filme, foi difícil convencê-lo de que se tratava de uma obra artística e que a imagem dele seria preservada. A exposição de imagens pessoais é algo extremamente delicado, especialmente quando toca em memórias tão recentes. Mexer com esse tipo de material foi, sem dúvidas, um

⁵ Ver anexo 2

processo doloroso e difícil, mas que me ajudou a elaborar a história, tanto para fins acadêmicos como para mim mesma.

Enfim, levou um tempo para ele confiar a mim essas imagens e permitir que eu fizesse um filme com elas. Em uma de nossas conversas, chegamos a ter uma discussão em que eu quase desisti de fazer o filme. Felizmente, persisti na idéia.

1.5 Conceção da Obra

Quando tomei a decisão de fazer um filme sobre o fim do meu último relacionamento, tinha consciência de que tudo aquilo que seria contado no filme é simplesmente a minha visão do acontecimento. Por mais que as imagens utilizadas sejam verídicas, não posso dizer que tudo o que está sendo narrado, minhas emoções e memórias representam a verdade absoluta da história. A partir do momento em que faço um recorte de uma história, já estou transformando-a em ficção, pois todos os fatos narrados estão submetidos à minha edição, ao meu olhar e seleção. Trata-se de um documento “ficcionalizado”. Sobre sua obra “Cuide de você” (2007), Sophie Calle afirma: “Não invento histórias. Mas as histórias são sempre fictícias. Se escolho uma palavra no lugar de outra, já estou fazendo ficção.”⁶

Mas como fazer esse filme? Um filme que não é documentário, tampouco ficção. Uma obra que foge das regras da poética aristotélica – em que a obra dramática deve seguir uma mesma unidade de tempo, espaço e ação – e não se estrutura de acordo com a clássica “início, meio e fim”. “Dissociation” já começa com seu próprio fim. A primeira conversa que é exposta no filme aconteceu depois que terminamos o namoro. Não fica explícito que é uma conversa de rompimento, porém percebe-se no tom das vozes que o desfecho daquela história não foi como esperado. A quebra de expectativa para o espectador é importante, porque estabelece um aviso, uma notificação: não é conto de fadas, não tem moral da história, não é um documentário. É apenas uma história que, como todas as outras, é recheada de contradições e decepções.

Voltando à pergunta: De que forma eu poderia contar essa história? Como cumprir essa tarefa sem cair na armadilha dos clichês românticos e do pieguismo? Olhei para o roteiro⁷ que

⁶ CALLE, Sophie em entrevista a Istoé Independente, por Fernanda Assef. Disponível em <http://www.terra.com.br/istoe-temp/edicoes/2070/imprime143835.htm>

⁷ Ver anexo 2

havia escrito e pensei comigo mesma: “Isso é um ensaio.” Era isso. Eu precisava fazer um ensaio em formato de filme.

Alguns teóricos preferem definir o filme-ensaio pela sua própria falta de definição. “O filme-ensaio se define por aquilo que ele não é: não é uma forma definida, não é um gênero, não obedece a regras fixas, não é uma forma fechada, não é documentário, não é ficção, não é linear.” (PEREIRA, 2014, p. 8). Também se pode afirmar que nesta forma fílmica:

As imagens e os comentários não estão ligados entre elas por uma relação explicativa, ou de consequência: as palavras não desvendam a imagem, mas a acompanham dialeticamente. A imagem reenvia, lateralmente, aquilo que não é dito. Diferentemente da montagem tradicional, essa se faz da orelha ao olho e não segue o esquema causa-efeito (...) mas se permite saltos cronológicos e contradições aparentes, motivadas sempre por relações intelectuais e teóricas e não necessariamente logico-narrativas; segundo Bazin a matéria prima é a inteligência e a sua expressão imediata é a palavra, e a imagem não intervém se não numa terceira posição, em referência a esta inteligência verbal. (PEREIRA, 2014, p. 3)

Nos anos 50 e 60, cineastas célebres com Chris Marker e Agnès Varda também realizaram experimentações direcionadas a uma produção fílmica mais ensaística, investigando, principalmente, as possibilidades do uso da narração em off. Em “Lettre de Sibérie” (1957), o diretor francês Chris Marker, “nos mostra de que forma o que é dito pela voz off orienta a percepção do espectador; sugere que é possível “provar” inúmeros aspectos da realidade utilizando essa fórmula estética.” (LINS, 2008, p. 137)

Alguns anos mais tarde, a diretora belga Agnès Varda, inova em seu “Saudações cubanos” (1963), ao introduzir fragmentos de narrações em off com sua própria voz. Na banda sonora do filme, ela divide a narração com o ator Michel Picolli; ele narra fatos mais objetivos a respeito de Cuba e de sua revolução e ela expõe memórias e comentários subjetivos e pessoais sobre sua viagem à ilha, quatro anos após a Revolução no país. Combinados com fotos tiradas pela própria cineasta, as falas – que carregam teor didático e ao mesmo tempo bem-humorados - são impressões da própria Varda sobre sua jornada cubana. Ela “reivindica para si o filme, distanciando-se de qualquer objetividade, deixando claro que se trata de uma certa maneira de olhar o mundo em um determinado momento da história.” (LINS, 2008, p. 138)

A partir dessas experiências, é possível observar o protagonismo que uma narração em off pode assumir, seja em um filme documental ou de ficção. Dependendo da forma como ela é conduzida, pode estabelecer relações e narrativas bem inusitadas para aquele que assiste ao filme.

Paralelamente, em “Dissociation”, as minhas narrações também interferem na apresentação das imagens. O modo e tom como conduzo as falas não são desinteressados. A escolha foi feita de modo a imprimir um tom confessional, de diário íntimo. No filme, o meu interlocutor é meu próprio ex-namorado. Tomei essa escolha porque se referir a ele como terceira pessoa me soava falso e distante. Como se fosse a retomada de uma conversa que nunca existiu ou, talvez, de coisas que gostaria de ter dito mas não tive tempo de dizer.

Assim como as falas, as imagens não seguem uma ordenação cronológica rígida. Além disso, a relação entre elas é dialética e não descritiva, lógica ou racional. O que é dito não necessariamente tem relação direta com o que é mostrado. O espectador é convidado a criar sua própria colagem interpretativa a partir da junção desses dois elementos, e transformá-los em um terceiro.

Se o ensaio é, como afirma Adorno, uma forma literária que se revolta contra a obra maior e resiste à idéia de “obra-prima” que implica acabamento e totalidade, podemos pensar que é contra a maneira clássica de se fazer documentário que os filmes ensaísticos se constituem. São filmes em que essa “forma” surge como máquina de pensamento, meio de uma reflexão sobre a imagem e o cinema, que imprime rupturas, resgata continuidades, traduz experiências. (LINS, 2008, p. 142)

Inspirado pelo conceito de filme como obra inacabada, o movimento da “Camera-stylo” (“Câmera-caneta”) propõe diretrizes que tangem na concepção do meu trabalho. Idealizado e formalizado em 1948, pelo crítico de cinema francês Alexandre Astruc, o projeto defende um cinema como meio de escrita, reflexão e projeção do universo pessoal do artista. É onde o autor é sujeito responsável pela criação total de sua obra, ou seja, diretor, roteirista e fotógrafo se resumem à mesma pessoa. Astruc argumenta: “Imagina-se um romance de

Faulkner escrito por alguém senão Faulkner? E Cidadão Kane funcionaria noutra forma exceto aquela a qual Orson Welles lhe deu?”.⁸ Ainda sobre esse ideal, ele reitera:

(...) O cinema irá se desfazer pouco a pouco dessa tirania do visual, da imagem pela imagem, da narrativa imediata, do concreto, para se tornar um meio de expressão tão flexível e sutil como o da linguagem escrita. Esta arte, dotada de todas as possibilidades, porém prisioneira de todos os preconceitos, cessará de permanecer cavando eternamente o pequeno domínio do realismo e do fantástico social que lhe é acordada nos confins do romance popular quando deixarmos de fazer dela o domínio de eleição dos fotógrafos.⁹

2 Pré-Produção

2.1 Público-alvo

O filme não tem um público restrito. Entretanto, pode estabelecer melhor comunicação com pessoas que já viveram ou conheceram alguém que estivesse num relacionamento à distancia. Como o gênero ensaístico não é tão popular e disseminado nos circuitos comerciais, acredito que o filme se voltaria a um público mais alternativo, que possui algum conhecimento sobre cinema e audiovisual, como estudantes universitários, professores, profissionais da arte ou entusiastas do cinema contemporâneo.

2.2 Infra-estrutura

Por se tratar de um filme de montagem, em que foram utilizadas exclusivamente imagens de arquivo, a infra-estrutura de produção do filme foi bem simples. Basicamente, a única gravação que precisei realizar foi das minhas narrações em off, todas realizadas com o microfone do meu celular. Apesar do microfone não ser profissional, consegui obter

⁸ ASTRUC, Alexandre. Nascimento de uma nova vanguarda: A camera-stylo. Publicado em L'écran français n° 144, 30 de março de 1948. Traduzido por Matheus Cartaxo. Disponível em: <http://focorevistadecinema.com.br/FOCO4/stylo.htm>. acesso em 4 de julho de 2016.

⁹ ASTRUC, Alexandre. Nascimento de uma nova vanguarda: A camera-stylo. Publicado em L'écran français n° 144, 30 de março de 1948. Traduzido por Matheus Cartaxo. Disponível em: <http://focorevistadecinema.com.br/FOCO4/stylo.htm>. acesso em 4 de julho de 2016.

qualidade razoável. Priorizei realizar as gravações em ambientes mais controlados dentro de casa, onde o barulho da rua não invadisse tanto a minha voz. Algumas gravações foram editadas no programa Adobe Audition, para serem encurtadas ou equilibradas em termos de volume. Em geral, não tive problemas com as gravações feitas pelo celular, já que, de certo modo, não destoaram da estética do filme, com vídeos e imagens gravadas todas em câmeras de celular.

Para realizar os vídeos gravados diretamente da tela do computador, – em que foram registradas as mensagens trocadas pelo e-mail e pelo WhatsApp – utilizei um aplicativo chamado Screencastify. Ele é uma extensão do navegador Google Chrome que permite ao usuário gravar tudo os eventos registrados pela placa de vídeo de seu computador. Ao salvar esses vídeos, percebi que eles estavam sendo gravados em formato *webm*. Como esse formato não era aceito no programa de edição, foi necessário baixar um conversor de vídeo para que estas gravações fossem lidas em formato *MP4*.

A edição de vídeo foi toda realizada no programa Adobe Premiere CS6. Tive algumas dificuldades durante a edição, já que o computador que utilizei tem a tela relativamente pequena, característica que dificultou a minha avaliação de alguns planos em tamanho “real”, que seriam vistos na tela.

2.3 Orçamento e Fontes de Financiamento

O filme não teve necessidade de financiamento, uma vez que eu já dispunha de todos os recursos – mencionados no item anterior - dos quais precisava para produzir a obra. Se, no futuro, for o caso de inscrevê-lo em festivais ou editais, pode ser necessário o levantamento de verba através de plataformas de financiamento coletivo online (como Catarse, Benfeitoria, por ex.) para cobrir os custos de inscrição e investir em uma pós-produção mais profissional.

2.4 A (não) criação de um roteiro ou a montagem como roteiro

Não foi criado um roteiro definitivo na pré-produção. O que eu tinha eram imagens e áudios que gostaria de usar e alguns comentários que eu sabia que iria incluir no filme. A montagem foi realizada entre tentativas e erros, a única estrutura que eu poderia seguir eram as minhas memórias e sequência de acontecimentos. O processo foi mais intuitivo do que

racional. Fui relacionando as imagens entre si com as memórias que estavam na minha cabeça e quando vi, tinha um filme montado. Ou seja, o próprio trabalho de montagem foi em si a elaboração do roteiro, que não estava escrito em palavras, mas em imagens. É, como Astruc sugeriu, uma escrita pelo visual.

Os comentários em off surgiram posteriormente. Quando assisti às imagens em sequência, percebi que faltava alguma coisa. Senti necessidade da minha voz presente, da minha opinião no meu próprio filme. Então, criei um documento¹⁰ no Word com algumas falas que eu gostaria de incluir na montagem. No final, aproveitei todas elas.

3. Planejamento e produção

Como não houve demanda de locações, atores e uma estrutura de produção mais complexa, eu determinei que faria o filme “sozinha”. Já tinha alguma experiência com montagem e edição de vídeo, eram todas as ferramentas que iria precisar. Além disso, eu havia dirigido um curta-metragem documental¹¹ no segundo semestre de 2014 para a disciplina de Direção Audiovisual na ECO. Também tive contato com recursos de montagem na disciplina de Edição de vídeo, em que realizei um curta documental com imagens de arquivo falando sobre minha irmã gêmea¹². Nesse último filme, já me aproximei de uma linguagem mais ensaística.

Certamente, não dá para fazer tudo sozinha. Acabei contando com a ajuda de duas amigas que também estudaram na ECO. Mostrei para elas algumas versões do roteiro e os cortes do filme. Quando possível, elas assistiam e davam opiniões ou me auxiliavam com dúvidas técnicas. E, é claro, contei com o suporte da minha orientadora e de professores da faculdade.

Por estar trabalhando sozinha, na minha casa, estabeleci meu próprio cronograma de produção. Quando voltei de Miami, no dia 9 de maio, ainda não tinha a idéia do filme. Comecei a me dedicar a ele, efetivamente, duas semanas depois. A partir daí, passei a trabalhar em “Dissociation” quase diariamente. Apesar do tempo curto – aproximadamente dois meses – não tinha compromissos de trabalho, nem estava estagiando nesse final de semestre, o que permitiu me dedicar inteiramente ao projeto.

¹⁰ Ver anexo 3

¹¹ Intitulado “A vida não tem gabarito”, o filme acompanhava a vida de três estudantes do terceiro ano do ensino médio que estavam prestes a fazer suas escolhas profissionais. Orientação da professora Kátia Augusta.

¹² “As gêmeas”, realizado em 2014 com orientação da professora Anita Leandro.

4. Pós – Produção

Num filme de montagem, as etapas de produção e pós-produção se confundem, uma vez que a própria seleção de imagens, arquivos e som – o processo de edição, como um todo - já constitui a produção em si.

Houve um momento já na fase de finalização do filme em que me deparei com uma dificuldade específica: A escolha do título. Durante quase todo o processo de produção (montagem/edição), fiquei sem saber que nome dar ao projeto. Procurava alguma palavra que tivesse relação com “fim” ou “separação”, mas novamente fiquei com receio de cair no clichê. Que palavra, frase ou expressão poderia traduzir a essência da história que eu estou tentando contar?

Até que, dias antes de terminar a montagem, abri minha caixa de entrada do e-mail e reli a última mensagem que meu ex-namorado havia enviado para mim, era uma carta de rompimento. A primeira frase da mensagem dizia: “The purpose of this message is to inform you that I have made the decision to disassociate myself from you.” Uma palavra em especial me chamou atenção: “Disassociate”. Em português, “desassociar”. “Desassociar” ou “dissociar”? “Desassociar” é desfazer uma associação, uma sociedade. “Dissociar” é um termo amplamente utilizado pela Química para se referir à separação de átomos e elementos dentro de uma mesma molécula; mas que também pode ser aplicado a relações humanas, significando “desvinculação”, “desagregação”, “separação”.

Logo, “dissociação”. Não seriam os amantes duas partículas da mesma molécula chamada amor? Optei pelo termo em inglês, “dissociation”. Me parecia mais apropriado, pois toda nossa comunicação era feita em inglês. Pronto, havia encontrado meu título.

Ainda em relação à língua, optei, nesse momento, por não legendar os diálogos em inglês que estão no filme. Tomei essa decisão porque, primeiramente, o conteúdo dos diálogos não é imprescindível para a compreensão do filme, o mais importante é a relação que eles estabelecem com as imagens sugeridas. Além disso, os meus comentários em off são todos em português e conseguem, de certa forma, orientar o espectador sobre o que está acontecendo. E mesmo que o espectador perca alguma informação, não há problema. O que vale no ensaio fílmico não é necessariamente a história que foi compreendida, mas as impressões que puderam ser apreendidas, seja racionalmente ou intuitivamente. E, por último, também levei em consideração que boa parte dos espectadores do filme tem uma compreensão básica de língua inglesa. Como já foi comentado, talvez para exibições futuras,

para públicos maiores, se faça necessário o uso das legendas a fim de se democratizar o acesso à obra.

4.1. Efeitos de som e trilha sonora

Foram utilizadas quatro músicas no filme. Duas delas (“Namaste” e “Fairy Tale Waltz”) são de domínio público e foram baixadas na biblioteca de áudio do Youtube (youtube.com/audiolibrary/music). As outras duas (“One dance – música dos créditos - e “Hasta que se seque el Malecón” – capítulo sobre Miami) necessitam de direitos autorais. Como a exibição, inicialmente, será feita somente em ambiente acadêmico, não há necessidade de aquisição dos direitos para exibir o filme. Contudo, caso eu venha a inscrever o filme em festivais ou mostras, precisarei substituir essas duas músicas por outras que não tenham tal restrição.

Os efeitos sonoros utilizados também foram adquiridos em um site que disponibiliza diversos áudios gratuitamente (freesound.org). Alguns dos efeitos sonoros são: os “cliques” do mouse do computador, no momento em que aparece a tela de PC com a caixa de entrada do e-mail; a notificação de mensagem de Whatsapp; o som de turbina de avião; e o som ambiente de um porto, com o motor do barco ao fundo – colocado na cena final com a sequência de fotos de casal com a Baía de Guanabara ao fundo.

4.2 Finalização

Na etapa de finalização, foi necessário realizar alguns ajustes de formato no arquivo em que o filme foi exportado. O arquivo final ficou razoavelmente pesado, pois caso fosse diminuída a qualidade, as imagens do filme ficariam tremidas.

De forma geral, não precisei me preocupar tanto com a cor e a qualidade das imagens, pois a estética do filme – todo feito com registros de câmera do celular – permite uma tolerância maior a essas diferenças.

Em relação à mixagem de som, os áudios que precisei aprimorar foram, principalmente, os sons de ventania, que sempre ficam com o volume muito estourado. Também mixei as minhas falas em off, que apresentavam um pouco de ruído.

4.3 Distribuição e Exibição

Como mencionado anteriormente, minha pretensão inicial não é levar o filme para festivais ou circuitos de cinema. Eu realizei o projeto tendo como objetivo primário apresentá-lo como meu trabalho de conclusão de curso. Por esse motivo, ainda não realizei um planejamento de distribuição e exibição para ele. Entretanto, pretendo mostrá-lo a amigos e familiares, pessoas próximas que acompanharam minha história nesses últimos meses e sabem da existência do projeto. Talvez organize uma exibição na minha própria casa, como forma de compartilhar um trabalho que eles direta ou indiretamente estiveram envolvidos.

5 Considerações Finais

Dar início a essa empreitada a qual me propus não foi nem um pouco fácil. Terminá-la, então, foi menos fácil ainda. Devo admitir que, por alguns momentos - e não foram poucos - cogitei desistir do projeto, da idéia, e até mesmo da minha formatura. Foi um período muito conturbado emocionalmente devido a variados motivos. Porém, fui percebendo que quanto mais eu me envolvia no filme, na edição, na montagem, quanto mais eu manipulava aquelas imagens que eram tão dolorosas de lidar, melhor eu me sentia comigo mesma. Era como se, no final de todo esse processo, eu olhasse para o filme e conseguisse me desvincular de tudo o que acontece na tela. Afinal, é só uma história. É a minha história.

A arte, às vezes, tem essa função: transformar nossas angústias em algo criativo, que vai além de nós mesmos, nos transcende. O filme, hoje, tem um significado bem diferente do que tinha no início. Eu e Ellis terminamos o relacionamento definitivamente, não nos falamos mais. Assistir a “Dissociation” agora não me traz raiva, nem ressentimento. Faz-me sentir orgulho de mim mesma. Eu tive coragem de arriscar três meses da minha vida para viver em outro país uma história de amor com alguém que pouco conhecia. Loucura? Talvez.

Ainda não tive a oportunidade de mostrar o filme a ele. Pode ser que um dia a gente volte a se falar e eu possa dizer: “Ei, lembra daquele filme que eu fiz sobre a gente? Ele ainda tá aqui guardado. Queria que você assistisse.” Pode ser também que ele nunca veja.

No início, acreditava que estava fazendo o filme para o Ellis. Depois, eu pensei que, na verdade, eu estava fazendo o filme para mim mesma. Como disse minha analista, era uma forma de trabalhar o “luto”. Enfim, me dei conta que eu fiz o filme para as pessoas. Todas

essas pessoas que vivem histórias de amor (quase) impossíveis, que ainda acreditam no amor. Porque ele existe. E eu acredito no amor, muito.

Cheguei ao fim da trajetória, ao fim da empreitada. Foram cinco anos e meio de caminho, entre semestres melhores e outros, nem tanto. Entre ensaios, encontros, choppadas, escola de teatro, namoros, choros, estágios, “insights”, filosofias. Eu duvidei, algumas vezes, que este dia fosse chegar. Mas chegou. E passou tão rápido.

Ter a oportunidade de apresentar como trabalho de conclusão um filme sobre a minha vida é um presente. E ainda poder experimentar, testar, ousar novas linguagens, é ainda melhor.

A Escola de Comunicação da UFRJ me ensinou muita coisa. Entre elas, o amor por aprender. Como é bom estudar, produzir, trocar idéia, conhecer novas filosofias, ler coisas difíceis, entender só uma página de cada dez. É maravilhoso. Eu li Nietzsche, Platão, Foucault, Deleuze, Adorno e ainda quero ler muitos outros. A Escola é um lugar poderoso e eu não quero sair dela, pena que sou obrigada. Mas a pós-graduação existe para isso, também.

REFERÊNCIAS

1. ADORNO, T. “O ensaio como forma”, in Notas de Literatura 1. São Paulo: DuasCidades/Editora 34, 2003 in LINS, C. L.. O ensaio no documentário e a questão da narração em off. In: Ades, E.; Bragança, G; Cardoso, J; Bouillet, R.. (Org.). O Som no cinema. Rio de Janeiro: Tela Brasilis/Caixa Cultural, 2008, p. 131-144.
2. LINS, C. L.. O ensaio no documentário e a questão da narração em off. In: Ades, E.; Bragança, G; Cardoso, J; Bouillet, R.. (Org.). O Som no cinema. Rio de Janeiro: Tela Brasilis/Caixa Cultural, 2008, p. 131-144.
3. MAGALHÃES, Vitor. A voz-tempo: interrupção e linguagem no cinema e no vídeo contemporâneos. Cinema 2010 em Conferência Internacional Cinema – Arte, Tecnologia, Comunicação. Disponível em <http://www.v-magal.com/web/wp-content/uploads/2012/12/ComunicaçãoAvanca2010.pdf>. Acesso em 28 de junho de 2016.
4. MOLINA, Camila. Veja 10 performances históricas – e polêmicas – de Marina Abramovic. Cultura. *Estadão*. 4 março 2015. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,veja-10-performances-historicas-e-polemicas-de-marina-abramovic,1644231>. Acessado em 28 de junho de 2016.
5. PERNIOLA, Ivelise. Chris Marker o del film-saggio. Torino: Lindau, 2011 in PEREIRA, Miguel. Filme-ensaio ou Cinema da experiência. XXIII Encontro Anual da Compós. Disponível em: http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT13_IMAGEM_E_IMAGINARIOS_MI DIATICOS/compostexto2014miguelpereira_2255.pdf. Acesso em 4 de julho de 2016.
6. RENOV, M.:”Investigando o sujeito: uma introdução”, in Mourão, M. D. e Labaki A. (ogs) in *O cinema do real*, Cosacnaify, São Paulo.
7. SILVA, Patrícia Rebello da. Sob o risco do ensaio: (de)formações na história do documentário. XXII Encontro Anual da Compós in PEREIRA, Miguel. Filme-ensaio ou Cinema da experiência. XXIII Encontro Anual da Compós. Disponível em

http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT13_IMAGEM_E_IMAGINARIOS_MI DIATICOS/compostexto2014miguelpereira_2255.pdf. Acesso em 4 de julho de 2016.

8. ABRAMOVIC, Marina. *Os Amantes: A caminhada da Grande Muralha*. Performance realizada na Muralha da China, em 1989.
9. CALLE, Sophie. *Cuide de você*. Exposição realizada no Sesc Pompeia, São Paulo, em 2009.
10. BABÁS. Direção: Consuelo Lins. Brasil. 2010. Link online: <https://www.youtube.com/watch?v=BrhlXB4xxZo> (22 min), colorido, áudio original em português. Acesso 7 julho 2016.
11. CARTAS DE SIBÉRIA. Direção: Chris Marker. França. 1957. Link online: <https://www.youtube.com/watch?v=NPE5XQqObZI> (57 min), colorido, áudio original em inglês. Acesso em 7 julho 2016.
12. ELENA. Direção: Petra Costa. Brasil. 2012. Link online (82 min), colorido, áudio original em português e inglês.
13. OLMO E A GAIVOTA. Direção: Petra Costa e Lea Glob. Dinamarca, França, Brasil, Portugal. 2015. Link online (85 min). Colorido, áudio original em francês, inglês e italiano.
14. SAUDAÇÕES CUBANOS!. Direção de Agnès Varda. França, Cuba. 1963. Link online: <https://vimeo.com/17217039> (27 min), p&b, áudio original em francês. Acesso 7 julho 2016.
15. SANTIAGO. Direção de João Moreira Salles. Brasil. 2007. Rio de Janeiro: Video Filmes. P&B, áudio em português.
16. VIAJO PORQUE PRECISO, VOLTO PORQUE TE AMO. Direção de Karim Ainouz e Marcelo Gomes. 2009. Link online: https://www.youtube.com/watch?v=gperj-foF_0 (71 min). Colorido, áudio em português. Acesso 7 julho 2016.

ANEXOS

Anexo 1 – Roteiro de falso documentário (primeira idéia; escrito em inglês)

Sinopse curta:

Um homem e uma mulher estão dentro do carro, conversando sobre o seu dia. Ele acabou de sair de sua sessão de terapia. Ela está tentando fazer um filme para se formar na faculdade. Ele é americano e ela é brasileira. Durante a conversa, comentários que passariam despercebidos tomam uma proporção inesperada.

1. EXT. DIA/ CALÇADA DE RUA MOVIMENTADA COM CARROS

Rua movimentada com carros passando. Um carro para na calçada e a mulher – que também é quem manipula a câmera – entra e senta no banco de carona. Dentro do carro, há um homem no banco do motorista.

2. INT. CARRO/ DIA

SHE

Hey

HE

Hey, how you doing?

SHE

Good and you?

HE

Yeah, doing ok. Did I take too long to get here? Im sorry, traffic in Miami sucks so much, man... I tried to call you, but

SHE

Its fine, I was just doing some shooting, experimenting some stuff with the câmera for the...you know, college graduation

HE

Oh yeah, sure, and how is it going? Have you done any progress yet with the thesis stuff?

SHE

Doing good, you dont mind if I film you, right?

The man smile. He sign "no" with the head and keep driving. Silence in the car.

SHE

So... you didnt tell me. How was the therapy session thing?

HE

Oh, it was fine...you know...I dont know, it just feels weird to go somewhere to tell your problems to some old lady that you've never seen in your life...and yet be charged in two hundred bucks for that

They both laugh

SHE

Yeah, i know exactly what you are talking about. I was seeing this analist for like six years...and then one day I Just realized that after all those six years of sharing my traumas, fears... nothing has really changed. I still the same

HE

Exactly...I think no one changes. We Just create a stronger filter as we get older of what shit can be said and what can't... Nothing changes, we all remain the same... - *He thinks for a while* - Is it too pessimit of me saying that?

SHE

You can say whatever you want to... I'm just filming you, so make sure you have a nice face expression

The man makes a funny face for the camera and they both laugh

SHE

So what did you talk about?

HE

With whom?

SHE

Your therapist

HE

Oh...just, you know..usual stuff...my problems...my life, stressful routine, that type of stuff

SHE

Yeah, but what problems? You mind telling me?

HE

Oh like...me and, you know, you. Us. Just usual... but why you asking, anyways?

SHE

Just curious. Why? You mind if I ask?

HE

No... I dont mind sharing with you...

But it Just sounds like... Like you are trying to find out some crazy dirty secret, like some syn I've committed and I didnt tell you, like some sort of spy thing, I dont know, you dont do this

SHE

Why? Is there any dirty secret?

HE

Of course not... What are you intimating, by the way?

SHE

That you wanna tell me something...

HE

Of course not, I dont know what you are even asking me... Why did you start that? I dont get it. (pause) Just dont be so controlling, Even if ...Even if there was something... I was not supposed to tell you, cause it's the ethics of the therapy session, right?

SHE

So, there is a secret.

HE

No! Why you doing this? For Gods sake

The man gets clearly impatient. Silence.

SHE

Hey, im sorry. I didnt mean to

HE

Its ok. Never mind.

SHE

Really? Cause I really didnt want you to think that

HE

Never mind...

Silence

HE

So, after your graduation, you know what you are going to do?

SHE

Not yet. Im just trying to finish college and then I guess I'll figure it out.

HE

Yeah, I mean, its ok if you dont find a job right away...you guys are like in a crisis, right? So, dont worry about this now, just keep studying and eventually you will find something

SHE

Yeah, i just don't wanna keep depending on my parents for the money to survive, you know?

It sucks

HE

So why dont you do what you have to do there and come back to the States... Find a random job, like in a bar or something, you could work here as a waitress, many brazilians do, specially the girls, people love it. And you are so pretty, you could make some good money at a fancy bar in South Beach or whatever

SHE

Because I'm a woman?

HE

And because you are brazilian. (pause) I know its not the best job, but I mean, for a brazilian that is making on dollars, its not bad at all. You would never make good money in your country at your age and with your degree... Just forget it

SHE

What are you saying?

HE

What?

SHE

Did you realized what you've just said?

HE

What are you talking about?

SHE

This... about brazilian girls making money ... That was kind of sexist, so I would make Money because of my body and not my skills?

HE

Really? That? C'mom, I was making a complement...you cant just take everything so seriously... So what? Would you rather be a fat old chick that no one tips? I know you like

being pretty and I know you love when guys look at you... Its a complement... Just dont be so full of shit

SHE

Have you ever asked me if I liked to be called on the street or if I feel comfortable about guys looking at me? How can you say if I liked it or not if you've never been on my place?

HE

Because you girls always act like that, like you dont want something but you want something.

Like you dont like a compliment but love the fucking compliment...

SHE

Are you also gonna say girls like to be beaten?

HE

Well... Some of them do, and its not my fucking problem. (pause)

Dont even start with this feminist speech because im not good today, all right?

SHE

So what if you went to a place and a lot of guys started to look at you, stare at you...Would that be comfortable? Would that be Nice?

HE

Its different! You dont understand, guys act different with guys, of course I woudn't like, I'm not gay, you know. But just gimme a break, ok? Dont be so full of shit... I got a tough Day at work, so just be Nice to me, ok? If you behave, we can talk about that later.

He stops at a gas station and ask the girl before leaving the car

HE

You need something to drink? Im gonna buy some water

SHE

Yeah, I wanna a beer.

HE

Im gonna get you a coke, ok? Be right back

He leaves the car and go to the store.

Anexo 2 – Roteiro escrito no Brasil já para o filme-ensaio (segunda idéia)

1 – Prelúdio - INT. DIA/ SALA DE CASA

Virada contra o espelho, a protagonista dialoga com a câmera.

PROTAGONISTA

Esse filme é uma tentativa de criar alguma coisa para o meu projeto final da faculdade, porque... Eu preciso me formar, a verdade é essa. Não tive nenhuma motivação artística, conceitual, vanguarda, nada disso. Eu só tinha que fazer alguma coisa pra apresentar pros meus professores. Um curso que eu deveria levar quatro anos para me formar e já estou no quase no sexto, e que eu ainda não sei muito bem o que vou fazer com ele no meu futuro. Ninguém entende qual vai ser minha profissão quando digo que vou me formar em rádio e TV. Nem cinema é o nome do curso... Rádio e TV. Alguém ainda ouve rádio?

Eu troquei de idéia de monografia já umas quatro ou cinco vezes, nem sei mais. Se eu contasse isso pra minha analista, ela diria que é sintomático, neurose histérica, sei lá. A idéia inicial era pesquisar o método de entrevista do diretor Eduardo Coutinho com a linguagem da psicanálise. Tava achando super cabeça, psicanálise e Coutinho... Falar de Freud e Lacan fazendo comunicação social... Pura pretensão, não sei nada de psicanálise. Daí, surgiu a oportunidade de viajar para os Estados Unidos, fazer minha monografia lá. Meu ex-namorado, que é americano, morava em Miami e me chamou pra passar três meses na casa dele. Então eu pensei: estudar psicanálise e Coutinho nos Estados Unidos não faz muito sentido. Essa foi a primeira vez que eu mudei a idéia da monografia.

A nova idéia era pesquisar a ficção dentro do filme documentário. A idéia parecia boa, mas eu não sabia por onde começar, não conseguia decidir que filme eu iria escolher para analisar.

Aí, depois de um tempo, já nos Estados Unidos, eu tive a idéia de, ao invés de redigir uma monografia, fazer uma pesquisa prática, um filme, um falso documentário que investigasse a estética documental dentro da ficção. Estava animada com a ideia, tinha até escrito um roteiro

para o filme todo em inglês, que seria filmado lá... Uma semana depois de eu ter tido essa idéia, a gente terminou o namoro. Eu fui pra ficar três meses, acabei ficando três semanas.

Ele disse que não estava mais se sentindo confortável, que era muito difícil conviver com uma pessoa triste, que não está satisfeita com nada. “Just try not to be so sad all the time”, “I think... I think you are not ready to be in a relationship”. Depois eu pensei que talvez ele também não estivesse. Eu fiquei arrasada, claro. Chorei tudo o que uma pessoa poderia chorar no período compreendido entre vinte e quatro horas, fiquei com dor de cabeça de tanto chorar.

Mas concordei. Eu também não queria mais estar ali, era tempo de pensar em mim, ser egoísta. “Agora eu vou ser a minha única prioridade”.

Dois dias depois, eu estava num vôo para o Rio de Janeiro. Tive que explicar para as pessoas o que aconteceu. Todas as minhas amigas que gostavam dele ficaram ainda mais decepcionadas do que eu. As pessoas não entendiam como eu poderia ter voltado antes da hora. “Vocês pareciam tão bem, achava que iam casar”. “Convivência, rotina é diferente. Não deu certo, paciência, bola pra frente”, era minha resposta padrão. Não queria explicar todos os detalhes.

Fiz análise durante seis anos da minha vida. Seis anos e cinco meses. Antes de viajar, a minha analista começou a insinuar que eu não deveria passar três meses fora, que eu não estava emocionalmente estável pra isso, que o namoro era muito recente... Não gostei. Abandonei a análise na semana seguinte. Quem ela pensava que era para falar essas coisas de mim? Quando eu dizia que estava deprimida e precisava de uns comprimidos, ela fazia questão de dizer que era só uma fase, crise de angústia. Daí quando eu finalmente tomei coragem e resolvi arriscar, ela me desencorajou. Eu sempre fui responsável... A mulher até tava certa, eu não tava pronta pra ir. Mas do jeito que sou implicante, quis ir mesmo assim, provar pro mundo que eu era forte e que conseguiria me virar esse tempo sem a ajuda de ninguém. Bullshit.

Minha mãe era outra. Sempre foi contra eu ficar tanto tempo em Miami. Ela achava que eu estava ficando louca, largar tudo pra passar três meses em outro país com um cara que eu acabei de conhecer – a gente havia se conhecido fazia uns quatro meses. O desespero foi tanto que ela me pediu pra ir num pai de santo, ver as previsões espirituais para a tal viagem. Eu fui. Ele disse que eu estava carregando uma negatividade, e quando eu perguntei sobre o

futuro do namoro, ele só fez uma cara de desesperança... Saí de lá super mal. Será que ele tava certo mesmo? Os orixás não mentem.

Voltei pro Rio... E fiquei perdida. Durante uma semana eu fiquei tentando entender o que aconteceu. Enquanto eu tentava resolver meu projeto e pensar o que eu faria dali pra frente, eu comia chocolate e assistia a um reality show de 'drag queens' na televisão. Eu estava sem dinheiro, sem emprego, sem namorado e sem idéias... Mas precisava me formar. Então decidi fazer um filme sobre mim, sobre essa história... Sobre todas essas coisas que aconteceram.

Pelo menos no meu filme, eu posso ser a minha própria protagonista.

Mas dirigir um filme em que eu sou o meu próprio tema parecia muito presunçoso. Pode ser que eu não tenha nada de interessante pra dizer, eu não sou nenhuma celebridade. Tá todo mundo cagando se eu terminei ou não meu international relationship. Bem, mas eu não to.

2. O PRIMEIRO CONTATO

Enquanto a narração off se desenvolve, aparecem imagens registradas pelo casal, e print screen de emails trocados e mensagens de texto.

PROTAGONISTA (Voz off)

A gente se conheceu num site de hospedagem gratuita. Ele vinha para o Rio passar férias e perguntou se eu poderia hospedá-lo no meu sofá. Eu moro com minha mãe e minha irmã, perguntei pra elas, elas disseram que tudo bem. Pedido aceito.

No início, começamos trocando mensagens formais sobre dicas turísticas, endereços, até que ele começou a mandar mensagens engraçadas, fotos, vídeos e não parou mais. Desde o dia oito de novembro de 2015 até nove de maio de 2016, a gente se falou todos os dias, sem exceção. De manhã, durante o dia, e de noite antes de dormir.

Sem perceber, eu estava ficando apaixonada por uma pessoa que nunca havia visto pessoalmente. A gente ficava no telefone até de madrugada, eu acordava cheia de olheira pra ir trabalhar, mas aquela excitação nunca me deixava cansada. Fazia tempo que eu não tinha tanta energia.

Depois de um mês e meio trocando mensagens, fotos e vídeos, a gente finalmente se conheceu. Eu fui buscá-lo no aeroporto, tava nervosa pra cacete. Podia dar tudo certo, ou tudo errado. Ele poderia ter mau hálito, ser machista, mão-de-vaca, inconveniente, o risco era grande. Mas não, foi tudo maravilhoso, superou as expectativas. Aqui no Rio, viajamos juntos duas vezes. Minha mãe novamente ficou desesperada, com razão. Ele poderia ter me seqüestrado, se quisesse. Eu nem ligava.

3. OS PLANOS

PROTAGONISTA (Voz off)

Lá em Ilha Grande, na praia de Lopes Mendes, fizemos nosso primeiro plano: Depois da minha formatura, a gente iria se mudar pra Portugal e morar lá por um ou dois anos. Eu poderia fazer meu mestrado na Universidade do Porto, depois conhecer a Espanha, Itália...
Perfeito.

Daí ele voltou pra Miami, foi nossa primeira despedida. Foi horrível, mas eu sabia que a gente se reencontraria, nós já tínhamos combinado que eu o visitaria nos Estados Unidos. Pra passar o tempo, a gente ficava pesquisando apartamentos em Porto e Lisboa, nossas futuras cidades.
Era uma tarefa divertida e que mantinha o relacionamento aceso.

Um dia, fizemos uma lista com todos os desejos que gostaríamos de realizar. Desde aprender a cozinhar, até conhecer as Muralhas da China, valia tudo. Um dos meus itens era fazer o Caminho de Santiago, desde a primeira vez que tomei conhecimento dele, eu nunca mais tirei

essa idéia da cabeça. Ele disse que queria fazer o Caminho comigo. Eu pensei “Ok, mas acho que isso eu queria fazer sozinha”. Não sei se queria dividir todos os planos com ele.

4. MEDOS

PROTAGONISTA (Voz off)

Com tantos planos, tantas idéias incríveis para um futuro que nem eu mesma sabia se queria, comecei a ficar extremamente ansiosa. Tive crises de ansiedade, pânico, depressão. Eu simplesmente já não sabia mais como lidar com a ausência dele. Tudo o que acontecia fora do relacionamento já não me interessava, não tinha nenhuma graça.

Um dia, dentro do metrô indo para o trabalho, comecei a sentir um desespero descomunal. Saltei na estação Central, sentei numa cadeira e comecei a chorar que nem uma criança, sei lá por quê. Uma senhora sentada do meu lado começou a conversar comigo, disse que Jesus me amava, enquanto tentava me acalmar. Funcionou. Eu peguei o metrô de volta e fui pro Parque Laje, fiquei lá deitada durante duas horas até me sentir bem.

No mês seguinte, pedi para sair do trabalho, saí da análise e parei com minhas atividades físicas... Alguma coisa estranha estava acontecendo.

Duas semanas depois, ele estava de volta pra me visitar, foi uma visita imprevista. Ele percebeu que eu estava mal e veio pra ficar comigo por dez dias. Mesmo com ele aqui, eu ainda não estava bem, tinha alguma coisa estranha comigo. Preferi não pensar nisso.

Algumas semanas antes de ir pra Miami, liguei pra ele. Disse que estava muito insegura e ansiosa. Não sabia se estava fazendo a coisa certa, se queria ficar aquele tempo todo fora da minha cidade. Mas fui mesmo assim, achava que precisava enfrentar isso, e se não desse certo, eu voltaria antes. E eu voltei.

Acho que nunca entendi tão bem a expressão “peixe fora d’água”. Aquela cidade não tinha nada a ver comigo, eu não tinha a minha rotina própria, meus amigos, minha família, meu

trabalho. E com o tempo, perdi a única coisa que me mantinha lá... O namorado. Era hora de voltar.

5. CONCLUSÃO

PROTAGONISTA (Voz off)

Eu tive medo de que a volta fosse ser insuportável, de que eu fosse cair no marasmo outra vez. Mas não foi bem assim. Na verdade, foi melhor que eu esperava, consegui transformar algo que me angustiava em um filme... Nada mal pra quem não conseguiu escrever nem a primeira página da monografia.

Não me arrependo de ter me envolvido e viajado para outro país pra encontrar alguém que eu estava apaixonada, mas pouco conhecia. Acabei aprendendo muito de mim com essa história toda.

Apesar de tudo, eu guardo boas memórias, mesmo com um desfecho não tão feliz, a gente teve momentos muito engraçados, apaixonantes e divertidos.

A minha frustração maior não foi ter terminado o namoro, foi ter voltado pro Rio e ter que lidar com o fato de que eu falhei de novo, que não deu certo.

E nem sempre vai dar. Na verdade, muitas vezes não vai dar. Ainda bem. Que saco seria se fosse pra dar tudo certo.

Fade out/ créditos

Anexo 3 – Documento com as falas em off para a versão final do filme

1. Nove de novembro de 2015, foi o dia que você me mandou essa foto. Eu me lembro de ter achado você super bonito, mas fiquei constrangida porque não queria mandar uma foto minha de volta. Nesse mesmo dia, a gente trocou a primeira mensagem. Você estava indo passar as férias no Rio e procurava um lugar para se hospedar . E eu ia te receber na minha casa. A partir daí, a gente não ficou um dia sem se falar.

2. Morando em países diferentes, a única forma de ficar junto era virtualmente. A gente fazia de tudo para compartilhar a rotina um com o outro, mesmo que isso só fosse possível pelo celular e pelo computador... Mas às vezes só a imagem e a voz não eram suficientes, era difícil não poder ter a sua presença quando eu mais precisava. Eu ficava com inveja das minhas amigas que tinham namoros “normais”, porque eu não podia ter você na hora que eu quisesse?

3. Na primeira vez que você veio pro Rio, no dia 21 de dezembro, eu fiquei muito ansiosa. Tudo poderia ter dado errado, mas não deu. Foi ainda melhor do eu imaginei. O mais difícil foi se despedir... Como eu ia saber se você voltaria? E se você conhecesse alguém nos estados unidos? Mas no aeroporto você me prometeu que a gente iria se ver de novo e ficar junto. / Você cumpriu a promessa, e em março de 2016, você veio novamente para passar dez dias aqui. Dessa vez, você percebeu que eu estava diferente, mais ansiosa, mais triste, menos presente. Eu já tinha me demitido do trabalho e tinha parado com a análise. O próximo plano era eu ir pra Miami e passar três meses com você. Mas porque eu não estava feliz?

4. Cheguei em Miami. Na primeira semana, foi tudo novidade. Eu conheci lugares novos, pessoas novas, mas ainda assim sentia que tinha alguma coisa estranha. Depois da segunda e terceira semana, a sensação de tristeza continuava. Eu me perguntava se deveria estar ali, se era o momento certo para a gente estar dividindo uma rotina, morando juntos. O que era o meu maior desejo acabou de tornando meu maior fantasma, eu queria estar com você, mas não queria estar ali. Foi um dos maiores desencontros que eu já tive. Eu ia passar três meses e fiquei 26 dias. Você viu que eu não estava feliz e achou melhor que eu voltasse para casa, que a gente não ficasse mais juntos. Eu não tive escolha, voltei para o Rio dois dias depois.

5. Depois que eu voltei, a gente chegou a conversar algumas vezes, mas ainda não sei se o que vai acontecer com a nossa relação./ Dizem que quando você realmente ama alguém, a distância não faz diferença... Eu nunca acreditei nessa frase.